

## ASPECTOS ÉTICOS DO PENSAMENTO EXISTENCIAL DE SANTO AGOSTINHO – UMA ANÁLISE A PARTIR DO “*COGITO AGOSTINIANO*”

*Ethical aspects of existential thought of St. Augustine - an analysis from the "Augustinian cogito"*

Matheus Jeske Vahl<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo concentra-se no movimento existencial do pensamento de Agostinho no que se convencionou a chamar “cogito agostiniano”, em sua posição na obra do bispo de Hipona, no debate contra os cétricos e na “prova” da existência de Deus, nas semelhanças e distinções com o argumento moderno de René Descartes e no horizonte ético – ontológico que o pensador africano aponta em sua reflexão.

**Palavras-chave:** Existência; pensamento; fundamento.

**Abstract:** The article focuses on the existential movement of thought in Augustine in the analysis of what is conventionally called "Augustinian cogito" in its position in the work of the Bishop of Hippo, in the debate against the skeptics and "proof" of the existence of God, the similarities and differences with the modern argument of René Descartes and the ethical horizon - the ontological thinker African pointing at her reflection.

**Keywords:** Existence; thought; foundation.

### Considerações Iniciais

Um dos pontos decisivos e mais marcantes do pensamento agostiniano é o acento na reflexão a partir do indivíduo, ou como se refere Matthews – o acento no ponto de vista da primeira pessoa – algo quase impensável para um filósofo da antiguidade: “fazer filosofia desde o seu ponto de vista próprio e singular”. Agostinho acentua a importância da identidade individual do “ser” na reflexão moral e ética, uma tônica eminentemente cristã que muda decisivamente a forma do pensamento ocidental.

Abordando algumas de suas obras fundamentais como *O Livre Arbítrio*, *Contra Acadêmicos*, *As Confissões*, *A Cidade de Deus*, entre outras, percebemos que tanto em seu caráter filosófico como teológico, o pensar de Agostinho possui um acento peculiar que vem a caracterizar toda a obra do bispo de Hipona: “o enigma da existência humana

---

<sup>1</sup> Mestrando PPGFIL – UFPEL – Bolsista da Capes. E-mail – [matheusjeskevahl@gmail.com](mailto:matheusjeskevahl@gmail.com)

pensado a partir da condição histórica dos indivíduos” interpretada à luz da revelação cristã. Segundo Agostinho, se “deixado a mercê de si mesmo, o homem não é capaz de chegar ao conhecimento do mistério infinito de nossa humanidade, a fé cristã tem que iluminar<sup>2</sup> o caminho, ainda que o mistério permaneça intacto”<sup>3</sup>, em Agostinho, portanto, não podemos falar da humanidade sem falar de sua relação com Deus, aliás, podemos afirmar que esta relação constitui exatamente o âmago de sua metafísica.<sup>4</sup> Nesse sentido, afirma Heidegger, que o pensamento cristão de Santo Agostinho

traz consigo uma transformação da vida anímica [...], pois, através da experiência do grande modelo da personalidade de Jesus advém uma forma vida nova para a humanidade [...]. Com o cristianismo supera-se a limitação da ciência antiga, a qual se ocupava somente da religiosidade do mundo exterior: a vida anímica converteu-se em problema científico, na medida em que Deus se revela na realidade histórica, é tirado da transcendência teórica, em Platão, e entra no contexto da experiência<sup>5</sup>.

Ao olharmos suas *Confissões*, percebemos que a filosofia de Agostinho é um pensamento sobre o homem em suas relações na vida concreta, por isso, o bispo de Hipona é reconhecido como o pensador patrístico em que a ética teve mais relevância e profundidade, mas não uma ética pensada em forma de sistemas ou deliberações determinadas. Ao trazer Deus, a vida e a história humana para o centro de sua reflexão, Agostinho busca apontar o caminho de uma vida virtuosa que não se reduza a momentos isolados, mas a uma opção que implique todo o modo de viver e a existência de cada indivíduo, inclusive em suas implicações sociais. Podemos então afirmar com Gilson, que em Agostinho

a vida e a doutrina são uma coisa só. Sua doutrina é uma interpretação de sua vida e sua vida não cessa de nutrir-se nas fontes da doutrina. E assim, o pensar agostiniano evolui em contato imediato com a vida. Seu objetivo não é ensinar a pensar, e, sim, a viver, a viver pensando<sup>6</sup>.

Tendo presente o caráter existencial do pensamento de Agostinho, podemos dizer que ao afirmar a “interioridade” da vida humana como a dimensão na qual a Verdade se revela de maneira genuína à razão humana, o bispo de Hipona realiza “uma penetração da metafísica e da cosmologia gregas na experiência interior da existência humana, a qual possui subjacente o que Heidegger chama de *vida fáctica*. A partir

<sup>2</sup> Em Agostinho é importante o conceito de “iluminação”, visto não apenas no sentido idealista da teoria do conhecimento, mas na perspectiva de uma luz que orienta o pensar frente aos caminhos da existência (N.A.).

<sup>3</sup> DUFFY, 2001, p. 84.

<sup>4</sup> Na reflexão do Santo Doutor, a fé (como revelação) é um critério, uma luz, com a qual ele interpreta e pensa a realidade humana.

<sup>5</sup> HEIDEGGER, 2010, p. 147.

<sup>6</sup> GILSON e BOHENER, 2012, p. 202.

destas considerações, algumas questões emergem: Qual a “natureza” desta dimensão a que o bispo de Hipona denomina interioridade e que se constitui, por assim dizer, num fundamento de seu pensamento? Até que ponto a reflexão com acento no indivíduo, e seu conseqüente desdobramento no âmbito da interioridade, podem ser associados com teorias modernas como a *res cogitans* de Descartes? Como é possível “pensar eticamente” a partir deste fundamento agostiniano?

### **1. *Existir, pensar e amar* – A condição humana no “argumento do cogito de Agostinho**

Para aprofundarmos as questões postas, vamos nos concentrar na análise do que se convencionou chamar de “*cogito agostiniano*”, para daí extrairmos elementos desde os quais Agostinho fundamenta sua ética. Para tanto, é necessário ter presente que na primeira fase de seu pensamento, Agostinho teve grande contato com o movimento filosófico chamado “ceticismo”, o qual possui significativa influência no meio acadêmico do império romano tardio. Colocar em dúvida a existência de toda e qualquer verdade era o princípio maior de toda a filosofia cética. No entanto, Agostinho era um inquieto investigador da verdade, e logo renunciou a este caminho intelectual, embora o mesmo não tenha deixado de estar presente em sua obra, ao menos como pauta de suas discussões. O argumento contra os céticos se encontra em diversas obras do autor, inclusive em *De Civitate Dei*<sup>7</sup>, se trata de uma das passagens mais geniais e “polêmicas” da obra do hiponense, porém, crucial para entender o problema enunciado.

Tais verdades desafiam todos os argumentos dos acadêmicos, que dizem: Quê? E se te enganas? Pois, se me engano, existo. Quem não existe não pode enganar-se; por isso, se me engano, existo. Logo, se existo, se me engano, como me engano, crendo que existo, quando é certo que existo, se me engano? Embora me engane, sou eu que me engano e, portanto, no que conheço que existo, não me engano. Segue-se também que, no que conheço que me conheço, não me engano. Como conheço que existo, assim conheço que conheço. E quando amo essas duas coisas, acrescento-lhes o próprio amor, algo que não é de menor valia. Por que não me engano quanto ao fato de amar, não me enganando no que amo, pois, embora o objeto fosse falso, seria verdadeiro que eu amava coisas falsas [...]. Tanto é verdade, que não há ninguém que não queira existir, como não há ninguém que não queira ser feliz. E como pode ser feliz se não existe?<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Escolhemos, pois, a passagem que se encontra em *De Civitate Dei*, encontrar-se na fase final da obra de Agostinho e, por isso, mesmo estar elaborada de forma mais acabada, trazendo elementos que consideramos cruciais para a presente discussão.

<sup>8</sup> AGOSTINHO, *De Civitate Dei*, 2012, p. 61-62 v.2.

Podemos dizer que através deste argumento “Agostinho estabeleceu, diante do ceticismo antigo, a realidade absoluta da experiência interior”<sup>9</sup>. A argumentação agostiniana parte da dúvida cética e supera-a, no entanto, sua conclusão apenas na semelhança do movimento, se aproxima do que Descartes, mais de mil anos depois, irá estabelecer como verdade irrefutável no advento do pensamento moderno. Enquanto o pensador moderno estabelece a *res cogitans* como única verdade irrefutável a que se pode recorrer como fundamento ao conhecimento, o pai da Igreja vê no homem enquanto ser racional, mas também volitivo e acima de tudo existente, o fundamento de onde partir na busca pela Verdade.

Como Descartes, Agostinho quer uma evidência segura e para ele “o ato de percepção é um fato que não admite a menor dúvida, não há como negar que eu estou percebendo um mundo. Caso negasse esse dado elementar, não haveria o que discutir”<sup>10</sup>. Contudo, Agostinho não encerra seu fundamento seguro no “eu pensante”, mas num “eu existente”, ou seja, “Agostinho fundamenta a verdade na existência do sujeito existente, vivente e pensante”<sup>11</sup>, poderíamos dizer também “amante” e aí encontramos a dimensão ética da filosofia do hiponense.

## 2. O caráter hipotético e existencial do “cogito agostiniano”

O homem é aquele que duvida, pensa, existe e vive, por isso, o “eu sou” agostiniano é uma realidade aberta para a transcendência absoluta e também existente no próprio mundo dos sentidos. No diálogo *De Libero Arbitrio* ele pergunta a Evódio “sabes com certeza, que possuis os tão bem conhecidos sentidos corporais: a vista, o ouvido, o olfato, o gosto e o tato? [...]. Compreendeis, pois, igualmente, que cada sentido tem certos objetos próprios sobre os quais nos informam”<sup>12</sup>.

Mesmo que possamos afirmar com Horn<sup>13</sup> a existência de um “cogito agostiniano”, seria forçado demais colocá-lo no mesmo patamar que o “cogito cartesiano”, ou ainda, identificar a interioridade agostiniana com a reflexão racionalista de uma razão que compreende a si mesma de maneira abstrata. Toda a concepção da interioridade em Agostinho está assentada sobre o tripé – ser, saber e amar,

---

<sup>9</sup> HEIDEGGER, 2010, p. 17.

<sup>10</sup> GILSON e BOHENER, 2012, p. 149.

<sup>11</sup> GILSON e BOHENER, 2012, p. 150. Sobre estas três “realidades” que compõem o universo humano – ver ainda a colocação deste argumento na prova da existência de Deus contida no L<sup>o</sup> II de *De Libero Arbitrio*.

<sup>12</sup> AGOSTINHO, *De Libero Arbitrio*, 2008, p. 82-83.

<sup>13</sup> HORN, 2008, p. 23-47.

movimentando-se nestas três instâncias de maneira integrada. Diferentemente de pensamentos modernos e contemporâneos, cujas interpretações transcendentais “têm como base a convicção de que o argumento tipo *cogito* é apto a revelar o âmbito de constituição da realidade”<sup>14</sup>, o argumento agostiniano tem um caráter “hipotético”, ou seja, com o *cogito*, Agostinho não busca um fundamento desde o qual se estabelece todo o seu “pensar” como em Descartes, ele “não move o *cogito* para o centro de sua filosofia; ele faz uso do argumento *en passant* [...], ele não o toma no sentido de um fundamento *inconcussum*, tal que o saber todo pudesse ser deduzido a partir desta certeza central”<sup>15</sup>.

Em outras palavras, Agostinho legou para o ocidente a interioridade da reflexão radical “sobre si mesmo”, mas seu *cogito* jamais chegou na determinação cartesiana, onde o “eu existente” representa uma *res cogitans* de caráter totalmente incorpóreo, ao contrário, “Agostinho assume no seu *cogito*, que também o próprio corpo e, além disso, aquilo que é estranho ao domínio psíquico são demonstráveis sem risco de engano”<sup>16</sup>, uma postura que jamais poderia ser assumida por um autor que tomasse o cartesianismo como princípio de sua filosofia.

Mesmo que nos primeiros momentos de sua obra, o filósofo africano deixe uma certa margem para uma aproximação deste caráter, percebemos que a partir de escritos como *De Libero Arbítrio*

a indagação de Agostinho sobre a alma humana ultrapassará progressivamente o domínio psicológico, concebendo em termos ontológicos, isto é, pela definição das condições de possibilidade da sua existência e pela descrição de sua natureza [...]. Desta análise resulta a compreensão do modo como a forma humana está constituída na base da relação entre a mente e o Verbo-Princípio<sup>17</sup>.

Em Agostinho, o conceito de *mens* adquire uma dimensão mais profunda, não podendo estar associada unicamente a uma faculdade intelectual de caráter psicológico que opera sobre si mesma. *Mens* é “abertura para o Ser”, é a condição desde a qual o homem se relaciona com a Verdade. O pensar que busca a si mesmo (interioridade) tem como objetivo alcançar a *visio cordis*, ou seja, a contemplação da Verdade do Ser – Deus. Esta “visão” “não se circunscreve à atividade cognitiva da mente, pois ela articula

<sup>14</sup> HORN, 2008, p. 31.

<sup>15</sup> HORN, 2008, p. 30-31.

<sup>16</sup> HORN, 2008, p. 47.

<sup>17</sup> OLIVEIRA E SILVA, 2012, p. 126.

e integra as dimensões afetiva e volitiva”<sup>18</sup>. A partir deste fundamento ontológico-existencial o doutor da África opera uma passagem da

teleologia ética da teoria do desejo<sup>19</sup> para o fenômeno da história. A história humana, para o Pai da Igreja [...] permanece orientada eticamente. Agostinho define a história, no sentido forte da palavra, com respeito à unidade de uma ordem moral do tempo [...], que consiste em entender todos os acontecimentos como efeitos de duas orientações éticas fundamentais<sup>20</sup>.

Estas orientações são por sua vez a *cupiditas* e *cáritas* que o hiponense irá desenvolver como pano de fundo de seu projeto em “*De Civitate Dei*”, consistindo na forma como o homem, enquanto ser moral por excelência assume a responsabilidade sobre si mesmo e sobre a história, amando as coisas materiais por orgulho, ou buscando amar como Deus em vistas de uma ordem social que conduz à paz.

Vemos claramente, portanto, que a natureza do “eu sou” agostiniano conduz o pensamento para um horizonte diverso ao fundamento moderno, em Agostinho o “eu mesmo” significa um “como se determina a partir daí meu próprio ser, em sua facticidade plena [...], em seu como ser plenamente fáctico, no qual tenho o mundo, a minha vida e sou”<sup>21</sup>. É claro em Agostinho que a interioridade não é um fechamento, muito menos uma negação do que é concreto e corpóreo, trata-se de um *amare* através do qual descobrimos a transcendência em que nos situamos na relação com Deus e na paz com os homens. No pensamento de Agostinho

o conhecimento de si mesmo não é a visão de uma mente espectadora, porque não procede somente do “eu penso”, mas também do “eu quero”, “eu busco”. O intelecto não deixa nunca de estar acompanhado pela vontade e por seus amores. Sem a vontade não se chega ao conhecimento. O pensar assegura que, através da larga viagem do buscar e encontrar, o indivíduo avança desejando o que conhece<sup>22</sup>.

Assim, podemos concluir tendo consciência que embora o bispo de Hipona tenha intuído muitos séculos antes questões caras ao pensamento moderno, seu pensar se movimenta sob outro horizonte – o do homem existente que tem sua vida aberta a Deus e voltada para Ele, para Agostinho o “argumento o cogito” torna evidente a existência humana para tornar evidente a existência de Deus<sup>23</sup>, e desde esta relação o

<sup>18</sup> OLIVEIRA E SILVA, 2012, p. 134.

<sup>19</sup> Sobre este tema é importante ter presente a elaboração de Agostinho sobre a vontade, cujo texto fundamental é o *De Libero Arbitrio*, mas que se destrincha em diversas obras posteriores inclusive em *De Civitate Dei* XII, VI e que está, por assim dizer, presente no movimento de todo pensamento agostiniano.

<sup>20</sup> HORN, 2008, p. 227.

<sup>21</sup> HEIDEGGER, 2010, p. 174.

<sup>22</sup> DUFFY, 2001, p. 88.

<sup>23</sup> Ver em: AGOSTINHO, *O Livre Arbitrio* II.

doutor africano projeta o homem como ser ético, cuja vida e a história consistem em buscar a Deus, a *Beatitude*, mediante a vivência das virtudes.

### **Considerações finais**

Santo Agostinho é autor de uma grande síntese filosófica e teológica, que mais do que pôr em diálogo as duas grandes culturas do mundo antigo – o cristianismo e o helenismo – compele as principais intuições que emergiam no dinâmico mundo romano dos séc. IV e V, dando forma e acabamento ao que poderíamos denominar de “inteligência cristã” – trata-se de um pensamento que sem relegar as fontes teóricas da riquíssima filosofia grega, absorve os principais elementos da revelação cristã, dentre os quais podemos destacar: *a centralidade da reflexão antropológica* e *a visão de Deus como uma realidade pessoal*, que se revela e interage com o homem na história.

Esta forma de pensamento influencia a vasta gama de autores cristãos da Idade Média, que a desenvolvem e aprofundam ao longo de quase uma dezena de milênios. Contudo, é no advento da era moderna que vemos florescerem ideias intuídas pelo bispo de Hipona, muitos séculos antes. Não possuímos fundamentações históricas para afirmar até que ponto Agostinho foi lido por Descartes, ao ponto deste ser influenciado na construção de seu “cogito”, entretanto, como vimos, existem claras distinções entre ambos, sobretudo no que se refere ao conteúdo dos pensamentos, distinções que se sedimentam quando percebemos que com sua fundamentação “racionalista” do conhecimento, a modernidade de orientação cartesiana se distancia do que Gilson denominou de metafísica cristã<sup>24</sup>.

Entretanto, vale ressaltar também que a presença do pensamento agostiniano e cristão na modernidade, é muito mais ampla do que o simples movimento de pensamento operado por Descartes em seu cogito. Temáticas como a liberdade, a vontade, as virtudes e, sobretudo, a reflexão que se assenta na dignidade do homem como fim em si mesmo, são primordialmente questões levantadas e aprofundadas pelos autores cristãos, dentre eles (poderíamos dizer até pioneiramente) Agostinho.

O apontamento de tais questões visa apontar caminhos pelos quais é possível estabelecer um diálogo entre a cultura moderna e o cristianismo. Aprofundar até que ponto o pensamento cristão influenciou a própria modernidade, como pensadores do

---

<sup>24</sup> Ver em: GILSON, 2006.

nível de Agostinho podem contribuir para problemáticas contemporâneas, são caminhos possíveis para “razões” que não se encerram em perspectivas “dogmáticas”, mas que se mostram abertas às realidades teóricas e culturais que formam o *ethos* contemporâneo, como há 16 séculos se mostrava Agostinho.

### **Referências bibliográficas:**

- AGOSTINHO. **Confissões**. In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A Cidade de Deus**. Petrópolis: Vozes, 2012. v.1 e v.2.
- \_\_\_\_\_. **O Livre Arbítrio**. São Paulo: Paulus, 2008.
- DESCARTES, R. **O Discurso do Método**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- DUFFY, S. Antropología. In: **Diccionario de San Agustín: San Agustín a traves del tiempo**. Alan Fitzgerald (org.). Burgos: Monte Castelo, 2001.
- GILSON, E. e BOHENER, P. **História da Filosofia Cristã**. Petrópolis, Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2004.
- \_\_\_\_\_. **O Espírito da Filosofia Medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- HEIDEGGER, M. **Fenomenologia da vida religiosa**. Petrópolis, Vozes, 2010.
- HORN, C. **Agostinho: conhecimento, linguagem e ética**. Porto Alegre: EDIPUC, 2008.
- MATTHEWS, G. **Santo Agostinho: a vida e as idéias de um filósofo adiante de seu tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- MORESCHINI, C. **História da Filosofia Patrística**. São Paulo: Loyola, 2008.
- OLIVEIRA DA SILVA, P. Fundamentos ontológicos e antropológicos da Visão de Deus de Agostinho. In: **Revista Civitas Agostiniana**. Porto, v.1, nº1, p. 34-58, 2012.